

COMPARAÇÃO DE PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS

JUNIOR, Paulo Augusto de Freitas Cabral

UFRGS

CARNEIRO, Mára Lúcia Fernandes

UFRGS

RESUMO

Este artigo apresenta uma comparação entre dois exemplos de sistematização de processos de produção de vídeos educacionais, desenvolvidos em projetos de educação a distância de instituições de ensino superior, sob a luz de produções acadêmicas e dos processos clássicos de realização audiovisual.

Palavras - chave:
Vídeo Educacional.
Videoaula.
Produção de Vídeo.
Educação a Distância.

ABSTRACT

This paper presents a comparison between two examples of process systematization of educational videos production, developed in projects of distance education in higher education institutions, in the light of academic productions and classical processes of audiovisual realization.

Keywords: Educational Video. Video Lecture. Video Production. Distance Education.

1 INTRODUÇÃO

A utilização do audiovisual como instrumento pedagógico se manifesta na história da civilização ocidental a partir do início do século XX, com o surgimento do cinema educativo em países como Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Inglaterra e União Soviética. Em alguns casos o emprego deste recurso tecnológico também tinha intenções doutrinárias ou de propaganda ideológica, com objetivos de controle da informação e de poder político (CATELLI, 2003).

Dentro deste panorama, em 1936 foi criado no Brasil o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) em pleno regime do Estado Novo, organizado pelo antropólogo Edgard Roquette Pinto (precursor da radiodifusão no Brasil) e tendo como principal realizador o cineasta Humberto Mauro. Desta forma, com o patrocínio do INCE, no período entre 1936 e 1964 e adotando uma linguagem cinematográfica de documentário foram realizados cerca de 357 curta-metragens de caráter científico, histórico e de poética popular (CATELLI, 2007).

A partir de 1969 iniciam os projetos das TVs Educativas brasileiras, disseminando o ensino a distância, promovendo o desenvolvimento da tele-educação no país e se apresentando como solução para os problemas de falta de qualidade no ensino e insuficiência de professores, principalmente para as séries iniciais. Dentro deste cenário, a partir de uma iniciativa do Ministério da Educação, do Centro Nacional de Pesquisas e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) se desenvolve na década de 70 o projeto SACI (Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares), que em formato de telenovela integrava o sistema de educação nacional com o sistema de comunicação de massa via televisão, com o uso de satélite e objetivando integrar nacionalmente o ensino básico, segundo a lógica governamental vigente a época, em estreita sintonia com a doutrina de segurança nacional (COUTINHO, 2006).

Em meados da década de 90 o Ministério da Educação (MEC) inicia o projeto da TV Escola, com objetivo de inserir as tecnologias digitais na cultura da educação do país, utilizando novamente o audiovisual como recurso educativo e como alternativa para suprir as deficiências existentes no setor. Tanto em suas produções, como nos pacotes adquiridos de outras televisões de cunho educativo, a TV Escola esta engajada com a equidade na educação, distribuindo seu sinal para que todos tenham acesso à informações e conhecimentos desenvolvidos pela humanidade (CATELLI, 2007).

o MEC estabelece estratégias para a consolidação do ensino a distância, através do Sistema Nacional de Educação a Distância (SINEAD), fomentando a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) através da integração com outros órgãos, como o Ministério das Comunicações, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o Conselho de Secretarias Estaduais de Educação e a União de Dirigentes Municipais de Educação (COUTINHO, 2006).

O desenvolvimento de projetos para o uso do audiovisual no campo educacional tem estimulado muitas pesquisas e investigações a respeito dos processos de ensino e aprendizagem, consolidando alguns paradigmas, mas também promovendo muitos questionamentos em relação aos dilemas enfrentados pelos sistemas educativos em incorporar estas tecnologias, principalmente para entender as representações de seus atores dentro destes contextos (ORTEGA, 2014).

Segundo Ferrés (1996) é necessário preparar o professor para que este faça uso eficiente da ferramenta audiovisual na sua rotina docente, exigindo uma formação específica, sistemática e generalizada. Pensar em uma estratégia de capacitação do professor, contemplando o conhecimento das técnicas audiovisuais, do ambiente e dos recursos de produção, estimulando que o docente absorva esta cultura, decidindo com propriedade em como explorar e adaptar ao máximo seus conteúdos dentro deste processo de comunicação que combina imagens e som. O audiovisual é um recurso de comunicação que emprega a linguagem direta e coloquial, se comunica através de emoções e amplifica o efeito de presença mediante sua distribuição (FERRÉS, 1996). Ao comparar processos de realização de vídeos educacionais, pretende-se observar estas necessidades de preparação do professor, para adaptar-se ao fazer audiovisual e transportar para o vídeo educacional o mesmo desempenho observado na aula presencial.

A apresentação deste artigo esta estruturada com a seguinte organização: o item 2 apresenta as definições conceituais que estruturam os processos clássicos de realização audiovisual, no item 3 é realizada a comparação entre alguns exemplos de processos de produção desenvolvidos em instituições de ensino superior e no item 4 conclui-se com uma reflexão sobre os procedimentos sistematizados em dois exemplos de laboratórios com produção significativa na área de EaD.

2 ETAPAS DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

A produção de vídeos educacionais enquadra-se dentro da perspectiva de

p

rodução de um documentário, mas sem deixar de lado a interação entre a equipe de produção e o ator principal, no caso, o professor. Essa caracterização considera que, para a realização de um documentário existe um tipo especial de colaboração, envolvendo a equipe de produção e o assunto abordado, enquanto que em uma história de ficção, a produção audiovisual representa outro tipo de esforço de colaboração entre a equipe atrás da câmera e o desempenho dos atores na frente dela.

Conforme Ascher e Pincus (2013), em um nível bem básico, a produção audiovisual depende de quatro processos essenciais para sua realização: a elaboração de um roteiro, o planejamento da produção, a captação de imagem e de som e a montagem final, através da edição por processo de seleção e combinação do material captado. Na abordagem proposta neste artigo serão destacadas as etapas de desenvolvimento de roteiro, de planejamento da produção e a de captação da imagem.

2.1 O Roteiro

O primeiro passo para uma realização audiovisual é desenvolver um roteiro e planejar a abordagem técnica do trabalho, quando se realiza o primeiro tratamento da história que se pretende exibir. Conforme Syd Field (1996) o roteiro “é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, dentro do contexto da estrutura dramática”. (FIELD, 1996, p. 15).

O roteiro também é entendido como técnica de elaboração ou de pré-visualização de um audiovisual, constituindo o ponto de referência para o preparo de todas as ações técnicas e de organização do processo, servindo como um mapa de orientação para a equipe de produção (ASCHER ; PINCUS, 2013). Desta forma, a partir da elaboração do roteiro, é possível desenvolver o planejamento de produção e o agendamento das atividades, elaborando um cronograma de produção. No caso do vídeo educacional, o argumento inicial para desenvolver o roteiro pode ser uma apresentação em lâminas em formato de *slides* preparadas para aulas presenciais, ou mesmo um mapa conceitual que represente o conteúdo desejado.

Existem dois exemplos básicos de roteiros utilizados na produção audiovisual: o modelo de sequência de cenas, também chamado de “Literário” ou “*Master Scenes*”, com estrutura vertical (Figura 1), indicando características de cada etapa da gravação, como o número da cena, indicações do local, tempo, ação, personagens, diálogos (mais utilizado na produção de ficção) e o conhecido como “*Script*” ou “Decupado” (Figura 2), em duas colunas

erticais, onde a coluna esquerda indica as informações visuais (imagens, geradores de caracteres, animações, fotos) e a coluna direita indica as informações sobre a trilha sonora (diálogos, locução, música e ruídos), sendo mais utilizados nas produções de documentários e telejornalismo.

Figura 1- Modelo de roteiro literário (Cidade de Deus, Bráulio Mantovani)

2.EXT. RUA PRÓXIMA - MESMA HORA
MARISOL E BARBANTINHO EMPINANDO PIPAS, ENQUADRADOS PELA LENTE DE BUSCA-PÉ.

BUSCA-PÉ, o narrador da história, tem nas mãos uma câmera fotográfica profissional. Ele tira fotos dos amigos BARBANTINHO e MARISOL, que empinam pipas.

Algumas das imagens da seqüência são vistas através da lente da câmera de Busca-Pé.

MARISOL
Tô pensando em sair saindo. Tá ligado?
Essa guerra já deu!

BUSCA-PÉ
Até que enfim tu te ligou, cumpádi!
Pensei que tu só ia sair dessa morto,
tá ligado?

BARBANTINHO
Tão dizendo aí que o Pequeno passou o Galinha. Se o caro morreu, mermo, a guerra acabou também.

MARISOL
Tu viu o cara morto? Tu foi no enterro dele?

3.EXT. VIELA PRÓXIMA - MESMA HORA
ZÉ PEQUENO ESPANCA GRATUITAMENTE O VENDEDOR DE PANELAS.

Fonte: <http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/cidadededeus.htm>. Acesso em 26 fev. 2014

Figura 1 - Modelo de roteiro decupado

"Casualty", BBC1, 4 de julho de 1992

Dimensão visual

Uma mulher com o braço em uma tipóia sentada MCU, um homem andando, salta sobre ela, o homem CU, depois ECU, a ataca, ela luta
A mulher se levanta, o homem a agarra, a morde, ECU, ataca
Os funcionários chegam correndo WA
Enfermeira em um pequeno compartimento com mulher2, entra uma segunda enfermeira, saem as duas enfermeiras
Os funcionários lutando com o homem, WA, mulher1 é levada, perturbada, todos gritando
Cena de tracking – câmara acompanhando a ação
A mulher1 e duas enfermeiras passam para o compartimento ocupado pela mulher2, MCU, ela sai, caminha pelo corredor e pega uma garrafa sentando em um vagonete. Cruza pelo local da cena anterior com um homem que agora tem um lençol na sua cabeça

Dimensão verbal

O homem: ... diabo, querida essas são coisas horríveis, demônios pretos escuros. Você sabe o que gostaria de fazer com eles? Gostaria de morder as cabeças dos desgraçados e colocá-los
Entre meu
Mulher1: Afaste-se de mim.
Homem: Resmungo. Grita.
Enfermeira: Ah, depressa, há um sujeito aqui saindo fora de si. Venham.
Mulher1: Oh, meu braço, meu braço, oh, oh, meu Deus, oh.

Enfermeira de plantão (Charlie):
Calma, calma.

Enfermeira: Sossega.

Charlie: Não fique ali de pé.

Homem: Está me faltando ar.

Charlie: Tudo bem, tudo bem. Devagar.

Tudo bem, tudo bem

Fonte: BAUER; GASKELL, 2008, p.352

2.2 Produção

A etapa de produção abrange toda organização e gerenciamento da realização audiovisual. A organização da produção exige a configuração de uma equipe e a definição de tarefas. Desta forma, as funções da equipe devem ser definidas e planejadas para atender a execução do roteiro. Neste momento devem ser previstas todas as necessidades para a realização do audiovisual, estimando os recursos técnicos necessários para a execução do trabalho, como todo tipo de equipamentos, bem como as especialidades profissionais da equipe técnica.

Ainda devem ser observados os tipos de locação onde serão realizadas as gravações, como, por exemplo, em estúdio (interna) ou em ambiente natural (externa), o figurino do elenco, os objetos e os adereços de cena. Um detalhe que não pode ser esquecido é de verificar as infraestruturas de logística, relativas a alimentação, acomodações e transporte para deslocamento da equipe e equipamentos (ASCHER ; PINCUS, 2013, p.357). No caso dos processos de produção analisados neste artigo, este ambiente de produção atende aos padrões de configuração básicas de um estúdio de gravação, com relativo controle de manifestações sonoras e de iluminação, com câmara de vídeo, tripé para câmara,

eleprompter, microfone de lapela, refletores de luz fria e rebatedores de luz, bem como equipe técnica especializada para operação dos equipamentos.

2.3 Captação de Imagem

A linguagem audiovisual é composta por elementos definidos a partir de como a ação é capturada e enquadrada pela câmera. Estes elementos são constituídos por uma série de tomadas, elaboradas por planos, ângulos, movimentos e composição de enquadramento, que compõem uma cena e que, a partir da construção de uma sequência de várias destas cenas, estabelecem a narrativa audiovisual (ASCHER ; PINCUS, 2013, p.184).

As cenas representam um evento que ocorre em um determinado ambiente em determinado período de tempo contínuo. Já a sequência é uma série de cenas que compõe uma unidade dramática. Por sua vez, as tomadas representam cada seção de imagens a partir do momento em que a câmera começa a gravar até o momento em que é interrompida a gravação, tendo relação direta com o tempo de duração entre o início e o fim do registro desta imagem. Desta forma, uma série de tomadas pode compor uma cena e uma série de cenas pode compor uma sequência (ASCHER ; PINCUS, 2013, p.322).

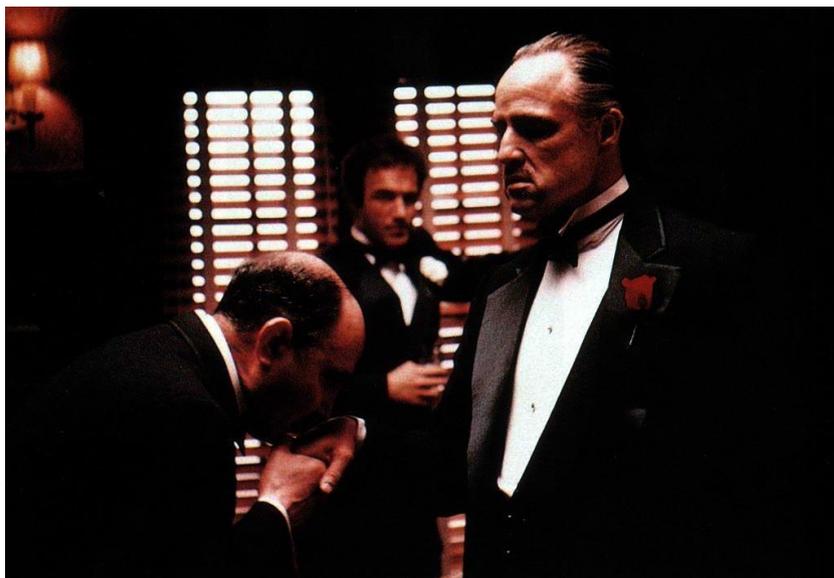
Em relação aos planos e a composição de quadro, a classificação é definida a partir da relação em que a figura é enquadrada e a dinâmica dentro do quadro, com parâmetros relativos ao movimento da imagem. Basicamente existem três tipos de planos, denominados de Plano Geral (Figura 3), Plano Médio (Figura 4) e Plano Fechado (Figura 5). Uma série de derivações de tipos de plano é mencionada na literatura audiovisual, mas universalmente eles se resumem nestes três tipos mencionados (ASCHER ; PINCUS, 2013, p.323).

Figura 3 - Exemplo de Plano Geral



Fonte: HUGO, Paramount Pictures, EUA, 2011, cor, 127 min

Figura 4 - Exemplo de Plano Médio



Fonte:

O Poderoso Chefão, Paramount Pictures, EUA, 1972, cor, 175 min **Figura 5** - Exemplo de Plano Fechado



Fonte: Gravity, Warner Bros., EUA / UK, 2013, cor, 91 min

A construção do plano começa no *display* da câmera e a composição trata da percepção deste enquadramento, que é uma forma de controlar a atenção do espectador, priorizando certos elementos na cena e excluindo outros (ASCHER; PINCUS, 2013, p.325).

3 EXEMPLOS DE SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO

Algumas tentativas de documentação do processo de produção de vídeos educacionais foram propostas por instituições que desenvolvem projetos em EaD, utilizando o audiovisual como objeto de aprendizagem. A seguir serão apresentados os exemplos desenvolvidos por estas instituições, em um exercício de sistematização do processo.

A Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é responsável por cinco cursos de graduação, além de atender cursos de especialização e extensão. Com uma demanda significativa de vídeos educacionais, sua equipe técnica é composta por 18 profissionais de produção audiovisual, responsável pelo desenvolvimento de uma metodologia específica para o seu processo de produção e dividida em três etapas distintas, compostas por Pré-Produção, Produção e Pós-Produção (MAZZEU ; AMBRÓZIO, 2012).

Assim, a equipe da SEaD/UFSCAR primeiro atende a demanda da etapa de PréProdução, quando é efetuado o contato com o professor, realizada uma reunião e ativado o processo de produção do roteiro. A etapa de Produção contempla a revisão do roteiro, a produção de material para ilustração e a gravação do vídeo educacional. A etapa de pósprodução abrange a edição e animação, revisão do produto para aprovação, catalogação, autorização de DVD, duplicação e impressão e distribuição (MAZZEU ; AMBRÓZIO, 2012).

Dentro deste organograma destacam-se algumas características que demonstram a preocupação da equipe com o processo como: a orientação ao professor de como preparar um roteiro dentro do padrão do modelo “script”, com duas colunas; a realização da decupagem das cenas do roteiro, planejando os planos e a composição dos elementos em quadro; e a montagem do material realizada em plataforma não-linear, com sua finalização realizada em formatos de vídeo compatíveis para transmissão via Internet (MAZZEU ; AMBRÓZIO, 2012). Desta forma, identifica-se uma sintonia com o processo profissional de produção audiovisual, adaptando o material e a rotina do professor para a linguagem audiovisual.

O Laboratório de Educação a Distância (LED) do Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento (DEGC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

ambém apresenta uma sistematização do processo de produção de vídeo educacional com fluxo baseado nas etapas de Pré-produção, Produção e Pós-produção (SPANHOL ; SPANHOL, 2009).

A fase de Pré-produção compreende o planejamento, com a definição da ideia central do audiovisual, a elaboração de roteiro e cuidados com a produção, principalmente relativos a figurinos, o tipo de linguagem e o treinamento da equipe que estará envolvida na produção. A etapa de Produção é dedicada para a gravação do vídeo educacional, com cuidados dedicados para as questões de iluminação, sonorização, tempo de duração, figurino e linguagem de apresentação do conteúdo. Na fase de Pós-produção são realizadas as atividades de montagem e finalização do material, observando a síntese do material captado, a preparação de material de ilustração, como animações, grafismos e mensagens textuais, que enriqueçam o material. Depois de finalizado o vídeo educacional é disponibilizado em ambiente de rede para validação de uma equipe pedagógica e, em caso de aprovação, é publicado em ambiente virtual (SPANHOL ; SPANHOL, 2009).

Neste exemplo do LED do DEGC da UFSC também se observa uma preocupação em tratar o material bruto, utilizado na aula presencial, para uma adaptação à linguagem audiovisual, dentro dos processos profissionais de produção descritos anteriormente.

Em 2006, o Centro Nacional de Supercomputação (CESUP) da UFRGS reestruturou suas atividades de capacitação, criando o setor de Treinamento e Divulgação Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologias Educacionais, que a partir de 2008 aperfeiçoou sua estrutura de treinamento presencial para a cultura de capacitação a distância, estabelecendo uma rotina de produção permanente de matérias educacionais digitais, com uma equipe para pesquisar e desenvolver conhecimentos teóricos e técnicos nesta área. Dentro desta estratégia, o CESUP montou uma equipe responsável pela produção e gerenciamento do acervo de audiovisuais, constituída de desenvolvedores, programadores, roteiristas e profissionais de vídeo e comunicação (GRASSI ; EWALD, 2014).

A estratégia de estrutura técnica desenvolvida pelo CESUP, documentado por Timm et.al. (2008), prioriza a agilidade na produção dos materiais através da configuração de uma estrutura “*plug-and-play*”, para evitar a demora e o desgaste em montagem e desmontagem de equipamentos em cada ocasião de uso. Esta estrutura apresenta uma configuração de estúdio profissional, com isolamento acústico e iluminação especial, para geração, transmissão e gravação de aulas, aliando um ambiente presencial com a possibilidade

e um ambiente virtual, com transmissão em vídeo *streaming*¹. Neste ambiente de sala de aula integrada a um estúdio o professor pode apresentar seu conteúdo diante de um fundo em *chroma key*², tendo como apoio câmera de documentos, projetor, monitor onde pode visualizar a imagem projetada em seu fundo (efeito *chroma key*) e duas câmeras operadas remotamente que enviam suas imagens para uma central de suíte (com mesa de corte em tempo real e mesa de áudio) onde um operador seleciona a imagem que estará sendo transmitida em *streaming* ou gravada para posterior edição (TIMM et al., 2008).

4 COMPARANDO PROCESSOS EM ATIVIDADE

A partir das conceituações e dos processos sistematizados para produção de vídeos educacionais que foram apresentados, serão comparados dois exemplos de produção audiovisual, desenvolvidos por instituições de ensino superior para atender demandas em EaD. Para esta comparação foram selecionados o setor de EaD de uma universidade privada (EaDPV) e o setor de EaD de uma universidade pública (EaDPB). O critério de seleção levou em consideração a atualidade das produções destas duas instituições, com projetos consolidados e significativa demanda de produtividade.

4.1 Estrutura técnica

As duas instituições apresentam recursos técnicos profissionais para suas equipes de desenvolvimento, com equipamentos e profissionais especializados.

A EaDPV tem como suporte técnico a estrutura de uma televisão universitária, com dois estúdios de gravação, cenários, iluminação suspensa com refletores específicos para produção audiovisual, isolamento acústico e captação de áudio com microfones de extrema qualidade. As câmeras são com definição HD, apoiadas em tripés com *dolly*³ e equipadas com *teleprompter*⁴. A equipe de produção é composta por: diretor de vídeo, operadores de

¹ distribuição de mídias na Internet através de pacotes de dados;

² técnica utilizada em audiovisual para vazar o fundo da imagem, geralmente nas cores azul, verde ou vermelho;

³ sistema de rodas que apóiam tripé de câmera;

⁴ sistema acoplado no tripé da câmera de vídeo que projeta texto a ser lido pelo interlocutor;

âmeras, operador de áudio, editores de suíte, editores não-lineares, produtor de set, roteirista, arte-finalista, cenógrafo, maquiador, cabeleireiro, eletricitista e maquinista.

A EaDPB apresenta uma estrutura com estúdio de gravação com isolamento acústico, microfones de lapela e *shotgun*⁵ para captação de áudio em alta qualidade, iluminação suspensa com refletores de luz fria e parede com fundo infinito, pintada em cor verde para recorte de *chroma key*. As câmeras são HD, com suporte em fita e em cartão de memória, são estabilizadas em tripés com cabeça fluída, com *dolly* e equipadas com *teleprompter*. O estúdio da EaDPB tem condições de realizar transmissões via web, através de plataforma de videoconferência similar ao Adobe Connect⁶. A equipe de produção é composta por bolsistas das áreas de programação, ilustração, design, animação e especialistas em vídeo, coordenados por docentes e técnicos administrativos.

4.2 Roteiro adaptado

A equipe da EaDPB apresenta tutoriais de elaboração de roteiro e *storyboard*⁷, reforçando a necessidade de adaptar o conteúdo da aula presencial para a linguagem de vídeo. O modelo de roteiro apresentado está dividido em três colunas, com a descrição da ação. Na primeira coluna é anotada a marcação de tempo, cronometrando minutos e segundos; a segunda coluna descreve o áudio e a terceira coluna é dedicada a descrever a imagem. Este tipo de roteiro se assemelha ao modelo de roteiro técnico, muito utilizado em produções de animações, porém, em todos os roteiros de produção audiovisual com estrutura vertical (colunas) a descrição da ação, com indicação das imagens é posicionada na coluna sempre a esquerda do áudio. Já no tutorial de orientação para elaborar o *storyboard* percebe-se que nas ilustrações para definir o enquadramento da câmera são acrescentadas anotações com indicações de movimentação das figuras.

A EaDPV desenvolveu um pequeno manual de procedimentos, destacando a necessidade de adaptar o conteúdo para a linguagem audiovisual, bem como algumas dicas para o desempenho do professor diante da câmera. Neste material é indicado que a primeira etapa para a produção do vídeo é elaborar o roteiro, enfatizando que o texto deste roteiro será

⁵ microfone direcional utilizado em cinema e televisão;

⁶ <http://www.adobe.com/br/products/adobeconnect.html>

⁷ ilustrações que ajudam a pré-visualizar as cenas de um audiovisual;

ido no *teleprompter* na hora da gravação. Este texto deverá ser em linguagem coloquial, com frases em ordem direta, na terceira pessoa do singular, com parágrafos curtos, para deixar o vídeo educacional mais dinâmico e representar mais proximidade com o aluno. A estrutura deste roteiro deve apresentar três momentos (abertura, desenvolvimento e fechamento), observando que o professor deve pensar em materiais de ilustração para inserir durante a fala, para não ficar apenas a sua imagem aparecendo no vídeo.

4.3 Captação de áudio e imagem

A equipe da EaDPV utiliza duas câmeras para a gravação dos vídeos educacionais, sendo uma com enquadramento médio (da cintura para cima) e outra com plano mais fechado (tronco para cima). O cenário de fundo é padronizado, com o logotipo da instituição. É utilizado microfone de lapela ou com sistema de *boom*⁸, para captação de áudio. Os sinais de áudio e vídeo são registrados em uma central de suite.

A EaDPB utiliza apenas uma câmera para gravar o vídeo educacional, variando com enquadramento em plano médio e plano fechado, conforme o ritmo do desempenho do professor. Toda vez que o professor interrompe sua fala é feito um novo enquadramento ao retomar a gravação, permitindo ponto de corte para a posterior edição. O cenário de fundo pode ser vazado, através do efeito de *chroma key*, possibilitando a padronização visual do cenário de fundo, ou a inserção de imagem para interação com o professor. O áudio é gravado diretamente na câmera com microfone de lapela sem fio, permitindo mais liberdade de movimentação para o professor.

4.4 Produção e formatos de apresentação do conteúdo

A EaDPV apresenta cinco tipos de formatos de vídeos educacionais, sendo eles: Mesa Redonda, na forma de debates conduzido por um professor e com participação de dois convidados e no máximo 8 minutos de duração; Entrevista, com o professor (ou um apresentador de TV) entrevistando um convidado e que pode ser gravado em outro ambiente além do estúdio da TV; Enquete, com a participação do público para responder determinada pergunta, sendo recomendável a participação de no mínimo 3 e no máximo 7 pessoas; Depoimentos, com participação de convidados, geralmente profissionais ou outros

⁸ vara telescópica com adaptação na extremidade para sustentação do microfone;

p

rofessores, também podendo ser gravado em outro local fora do estúdio e a videorreportagem, com depoimentos e informações de profissionais ou acadêmicos sobre determinado tema. A equipe observa que todos os convidados ou entrevistados devem assinar um autorização de uso de imagem e que qualquer formato de programa deve ter seu roteiro previamente apresentado a equipe de produção da TV.

É importante destacar que no manual de procedimentos a equipe da EaDPV recomenda alguns cuidados em relação a apresentação visual do professor ou convidado, relativos a cabelos femininos (soltos e em caso de escova ter as pontas viradas para dentro), a vir sem maquiagem (a equipe de maquiagem da TV providencia), em relação a roupa (camisa social, polo, vestido ou blusa de manga mediana que deixe o pulso em evidência), roupas em cores de tons rosa, azul escuro, cinza chumbo, vermelho ou preto e não usar cores claras ou tons verde, nem blusas listradas, floreadas, estampadas, xadrez ou com marcas. Evitar também roupas transparentes e decotadas ou que definam a estação do ano.

A EaDPB produz seus vídeos educacionais em dois formatos básicos. Um com o professor apresentando o conteúdo para a câmera e com imagens de ilustração inseridas durante sua fala. Outro formato é de posicionamento da câmera em linguagem subjetiva (ponto de vista do personagem) ou em primeira pessoa, enquadrando um papel, onde o professor desenha uma ilustração ou uma bancada, onde ele manuseia algum equipamento, ao mesmo tempo em que vai explicando o que está fazendo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar esses dois processos em atividade é possível identificar alguns cuidados e procedimentos essenciais para o sucesso da produção do vídeo educacional.

Tanto no processo desenvolvido na EaDPV como na EaDPB, as equipes de produção reconhecem a necessidade de definir uma estratégia de adaptação tanto do professor como do material a ser apresentado, aplicando os recursos das técnicas audiovisuais, estimulando o docente a explorar e adaptar seus materiais didáticos, dentro desse processo de comunicação que combina imagens e som. Para tanto a elaboração de um roteiro, prevendo as adaptações e a organização de apresentação do conteúdo se apresenta como estratégia extremamente eficiente e que colabora para melhorar o desempenho do professor no momento da gravação do vídeo.

As observações a respeito da cor do figurino, do tipo de cabelo (principalmente

tilizado pelas mulheres) e da necessidade de uma maquiagem produzida pela equipe de gravação tem relação direta com interferências nas questões técnicas, como o recorte do efeito *chroma key*.

Outro detalhe que se verifica é a eficiência da imersão do professor no processo de produção, tanto na necessidade de apropriar-se da prática de uso do *teleprompter* para a leitura do texto, ou desenvolver uma demonstração em frente à lente da câmera. Esse processo estabelece uma relação do professor com a câmera, desenvolvida a partir de tentativas monitoradas, com ele visualizando seu desempenho nas imagens gravadas ou visualizando em tempo real o que está demonstrando. A necessidade de ensaiar a abordagem de gravação, definindo entre o professor e a equipe (operador de câmera e produção) os movimentos e ações que serão efetuadas diante da câmera, também colabora para dar mais confiança na execução do processo.

Os procedimentos verificados tanto nos processos documentados, bem como nos exemplos mencionados acima, podem integrar uma espécie de “manual”, com todas estas orientações sistematizadas, de tal forma que auxilie professores e equipes de produção para superar dificuldades já percebidas em tentativas anteriores.

REFERÊNCIAS

ASCHER, Steven, PINCUS, Edward. **The Filmmaker's Handbook: A Comprehensive Guide for the Digital Age**. 4 ed.. New York, PLUME – Penguin Group Inc., 2013.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**, São Paulo, Ed. Papirus, 1993.

CATELLI, Rosana Elisa. Cinema e Educação em John Grierson, Aruanda. Lab.doc. Disponível em <<http://www.mnemocine.com.br/aruanda/cineducemgrierson.htm>>. Acesso em: 18 set. 2015.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. 60 horas —Brasília : Universidade de Brasília, 2006. 92 p.:il

CRUZ, Dulce Márcia da. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: subsídios para a formação docente. **ETD - Educação Temática Digital 8**, esp., p. 23-44, 2007.. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-73485>>. Acesso em 10 ago. 2015.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

F

I

ELD, Syd. **Os Exercícios do Roteirista** (The Screenwriter's Workbook). Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1996.

GRASSI, Andre Soares, EWALD, D. G. Educação a Distância e Pesquisa de Tecnologias Educacionais no CESUP/UFRGS: 2008-2014. Cuarta Conferencia de Directores de Tecnología de Información, TICAL2014 Gestión de las TICs para la Investigación y la Colaboración. **Anais...** Cancún, 26- 28 mayo 2014.

MAZZEU, Ian Rittmeister; AMBRÓZIO, M. D.. Processos de Produção e Distribuição de Vídeos na SEAD-UFSCar. **SIED – Simpósio Internacional de Educação a Distância. EnPED – Encontro de Pesquisadores em EAD.** UFSCar, 10 a 22 set., 2012.

ORTEGA, Patrícia Raquimán. . Representaciones sobre el cambio en el uso de las tic. Relatos de vida de profesores. **Revista Iberoamericana de Educación.** n 65, p. 75-90, 2014.

ROSE, Diana. Análise de Imagem me Movimento. In: BAUER, M.W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SPANHOL, Greicy K., SPANHOL, Fernando J., (2009). Processos de Produção de Vídeo-Aula. **Revista Novas Tecnologias na Educação,** CINTED-UFRGS. v. 7,n. 1, Julho, 2009.

TIMM, Maria I.; ROLIM, Odilon.; LONGHI, Maghali.T.; FERNANDES, Luis.F.; EWALD, D.G.; CABRAL Jr, Paulo. A.F.; FERREIRA FILHO, R.C.M.. Gestão de EAD: projeto de infra-estrutura e atividades de planejamento ESUD - Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 7, Gramado, RS. **Anais...** 2008. (CD-ROM).

Currículo

Paulo Augusto Freitas Cabral Junior - Doutorando do Programa em Informática na Educação da UFRGS Graduado em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006).

Mára Lúcia Fernandes Carneiro - Engenheira Química – UFRGS Especialista em Informática na Educação – PUCRS Mestre em Ciência da Computação - PPGCC-PUCRS Doutora em Informática na Educação - PPGIE-UFRGS